

EVANGELHO

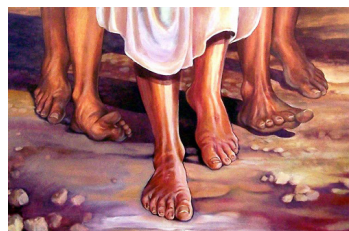
MEDITAÇÃO

DOMINGO III DA PÁSCOA (ANO A)

EVANGELHO: Lc 24, 13-35

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Dois dos discípulos de Jesus iam a caminho duma povoação chamada Emaús, que ficava a duas léguas de Jerusalém. Conversavam entre si sobre tudo o que tinha sucedido. Enquanto falavam e discutiam, Jesus aproximou-se deles e pôs-se com eles a caminho. Mas os seus olhos estavam impedidos de O reconhecerem. Ele perguntou-lhes: «Que palavras são essas que trocáis entre vós pelo caminho?». Pararam, com ar muito triste, e um deles, chamado Cléofas, respondeu: «Tu és o único habitante de Jerusalém a ignorar o que lá se passou estes dias». E Ele perguntou: «Que foi?». Responderam-Lhe: «O que se refere a Jesus de Nazaré, profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; e como os príncipes dos sacerdotes e os nossos chefes O entregaram para ser condenado à morte e



crucificado. Nós esperávamos que fosse Ele quem havia de libertar Israel. Mas, afinal, é já o terceiro dia depois que isto aconteceu. É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos sobressaltaram: foram de madrugada ao sepulcro, não encontraram o corpo de Jesus e vieram dizer que lhes tinham aparecido uns Anjos a anunciar que Ele estava vivo. Alguns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas a Ele não O viram». Então Jesus disse-lhes: «Homens sem inteligência e lentos de espírito para acreditar em tudo o que os profetas anunciaram! Não tinha o Messias de sofrer tudo isso para entrar na sua glória?».

Depois, começando por Moisés e passando pelos Profetas, explicou-lhes em todas as Escrituras o que Lhe dizia respeito. Ao chegarem perto da povoação para onde iam, Jesus fez menção de ir para diante. Mas eles convenceram-n'O a ficar dizendo: «Ficai connosco, porque o dia está a terminar e vem caindo a noite». Jesus entrou e ficou com eles. E quando se pôs à mesa, tomou o pão, recitou a bênção, partiu-o e entregou-lho. Nesse momento abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-n'O. Mas Ele desapareceu da sua presença. Disseram então um para o outro: «Não ardia cá dentro o nosso coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?». Partiram imediatamente de regresso a Jerusalém e encontraram reunidos os Onze e os que estavam com eles, que diziam: «Na verdade, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão». E eles contaram o que tinha acontecido no caminho e como O tinham reconhecido ao partir o pão.

Palavra da Salvação.

O RESSUSCITADO CAMINHA CONNOSCO NA ESTRADA DA VIDA

Na alegria de vivermos este tempo pascal, o Evangelho deste domingo oferece-nos uma contemplação sobre os dois discípulos a caminho de Emaús e o seu regresso à comunidade reunida em Jerusalém. No fundo deste relato, encontramos uma comunidade vacilante e instável na fé, desanimada, sem sentir a presença do Ressuscitado entre os seus membros. A cena começa com a desintegração da comunidade cristã, que reagia como se tudo acabasse. A comunidade dispersa-se, não há alegria nem esperança. Nestas horas de grande desespero saem dois homens que caminham dececionados e tristes até Emaús. Ao longo do caminho junta-se a eles um viajante e depois de um diálogo, eles explicam o motivo da sua tristeza e abatimento: "Nós esperávamos que Ele fosse libertar Israel!". Por isso, aparentemente pelo acontecimento ocorrido em Jerusalém, Jesus não é o esperado. Depois da partilha da Palavra e da explicação da mesma, ao partir o Pão, os seus olhos abriram-se e reconheceram que era o Senhor, mas Ele desapareceu na sua presença.

O Evangelho lança-nos um convite a abrir o coração a Deus. Esta estrada pode significar o caminho da tristeza, da decepção, da crise de fé, da ausência de esperança, que cruzam connosco na vida cristã, mas também é o caminho de esperança e do regresso à fé. Os discípulos caminhavam com estes e outros sentimentos negativos. Muitas vezes, não somos capazes de reconhecer a presença de Deus na nossa estrada, ficamos impedidos de ver, por causa dos acontecimentos tristes na nossa vida. Este relato da experiência dos discípulos de Emaús ajuda-nos a compreender que o segredo para nos tranquilizarmos na estrada da vida é a Palavra de Deus, o Pão da Vida (Eucaristia) e a presença da comunidade. Porque estes três meios nos revelam o grande mistério da nossa fé: Jesus morto e ressuscitado. Quem se afasta da comunidade faz a experiência da solidão espiritual, do desalento, da tristeza, etc. Depois de um caminho feito sem uma fé forte e com desespero, os dois discípulos regressaram cheios de fé e ânimo para testemunharem a ressurreição do Senhor. Somos convidados a abrir o nosso coração ao Senhor e a procurar sentir a Sua presença na estrada da nossa vida, porque Ele é o Pai que nunca abandona os Seus filhos.

Que Deus ilumine a nossa inteligência para compreendermos melhor a Escritura.

Pistas de Reflexão

- O que me impede como cristão de encontrar e aprofundar a minha intimidade com Jesus Ressuscitado?
- De que forma vivo as três vias de encontro com Deus, apresentadas no Evangelho (Escritura, Eucaristia e Comunidade)?
- Meditar em família: I.ª Leitura: Act 2,14.22-33 e II.ª Leitura: I Pd 1,17-21

Desejo a todos uma boa semana, cheia de amor e da presença do Jesus Ressuscitado nos nossos corações e nas nossas casas.

Pe. Andrew Prince

TEMÁTICA

OMUNDO NATURAL É O "EVANGELHO DA CRIAÇÃO"

PAPA FRANCISCO SOBRE O DIA MUNDIAL DA TERRA

A catequese do Papa Francisco, desta quarta-feira (22/04), realizada na Biblioteca do Palácio Apostólico por causa da pandemia de coronavírus, foi dedicada ao 50º Dia Mundial da Terra

Hoje comemora-se o 50º Dia Mundial da Terra. Trata-se de uma oportunidade para renovar o compromisso de cuidar da nossa casa comum e dos membros mais frágeis da família humana. À luz da fé revelada na criação, somos convidados a estabelecer uma relação harmoniosa com a terra, lembrando-nos de que, além de ser nossa casa, é também casa de Deus. Isso significa adquirir uma visão contemplativa que reconheça a sacralidade da criação. Também é preciso uma conversão ecológica começando por reconhecer que não fomos fiéis à nossa vocação de administradores e guardiães da terra, tendo-a poluído, depredado, considerando-a simplesmente como um depósito de recursos a serem usufruídos, constituindo um verdadeiro pecado contra o Criador. Depois, impulsionados também pela atual pandemia que nos mostra que somente unidos poderemos enfrentar os desafios globais, é necessário promover iniciativas tanto a nível internacional como local que lembrem cada pessoa pode dar a sua contribuição no esforço de amar e saber reconhecer o magnífico dom da terra.

Papa Francisco, Audiência Geral, 22 de abril de 2020, Vaticano, Roma

10 PERGUNTAS PARA O PÓS COVID-19

A coragem destas horas não se joga apenas na primeira frente de combate à pandemia, mas também na resiliência e ousadia necessárias para pensar no que seremos no pós-covid-19. Para já, torna-se claro que não poderemos simplesmente voltar à etapa precedente, como se esta experiência traumática tivesse apenas sido uma interrupção, mas também não sabemos bem aquilo em que nos tornaremos, como indivíduos e comunidades. E se esta talvez seja a provação mais dura, é também a mais desafiante: o confronto com uma nova realidade que tem de começar, e ter de o fazer não numa zona de certezas como gostaríamos, mas ainda num instável território de transição, que se prolongará. Por isso, é importante que nos coloquemos perguntas, as mais díspares, as que têm emergido na corrente destes dias e outras ainda, e que as debatamos.

1. O processo gerado pelo vírus acelerará apenas as assimetrias e os egoísmos do velho mundo ou motivou-nos a compreender que estamos no mesmo barco e que só há futuro na cooperação e na implementação de outros modelos de existência coletiva?
2. Quando as portas das nossas casas se reabrirem, sairemos pesados e a medo, incapazes de vencer a distância que nos separa dos outros ou vamo-nos abraçar como irmãos reencontrados? Perderemos ou não a espontaneidade? Finalmente ultrapassaremos a paranoia do outro como rival, estranho e inimigo para pensá-lo como semelhante e aliado?
3. Quando reabrirmos as fronteiras passaremos, de facto, para uma nova etapa da globalização, mais conscientes dos riscos que ela comporta (pandemias, danos ambientais, mutações climáticas, precarização do trabalho e exclusão) e também mais capazes de construir uma nova ordem social e planetária assente na justiça? É importante que nos coloquemos perguntas, as mais díspares, as que têm emergido na corrente destes dias e outras ainda, e que as debatamos
4. Deixaremos de considerar a terra um objeto para ser ilimitadamente explorado, segundo os nossos interesses, ou vingará a ideia de que a terra e o cosmos sejam considerados, pelo direito internacional, como sistemas vivos, com o seu equilíbrio e as suas regras?
5. Compreenderemos finalmente que está tudo interligado, como insistiu o Papa Francisco na encíclica "Laudato Si": o grito da terra e o grito dos pobres, a situação sub-humana a que estão condenadas multidões de seres humanos e a fragilidade ignorada do planeta?

6. Ainda fará sentido a previsão que decretava o fim da alimentação cozinhada em casa, pois todos nos tornaríamos clientes de uma app de food delivery? Ou reencontraremos outros ritmos que não os da ditadura da vida frenética (aprendendo a desacelerar) e outros sabores que nutram também a alma (reaprendendo a cultivar a nossa humanidade)?

7. A União Europeia terminará, como um monumental museu de boas intenções que se afunda, ou esta será precisamente a estação do seu relançamento?

8. Saberemos construir alternativas à massificação e reinventar uma escala mais humana para a convivência, para a arquitetura das nossas cidades e para a qualidade das nossas relações?

9. Saberemos cuidar dos médicos, enfermeiros e cuidadores que tiveram a experiência direta deste trauma? Rapidamente preferimos declará-los como heróis, e são, mas são também seres humanos vulneráveis como nós, que tiveram de esgotar os seus recursos para enfrentar a dor, o medo e a solidão dos pacientes, muitas vezes em estruturas inadequadas e tendo de operar com meios insuficientes. A compaixão e o cuidado deixam, não raro, uma fadiga interna, que tem de ser tratada. Como o faremos?

10. Triunfará uma visão mais integradora da vida, que compreenda a importância de valores como o dom, a gratuidade e a partilha, e nos capacite, por exemplo, para uma síntese mais equilibrada entre pessoa e comunidade, entre vida material e vida espiritual?

D. José Tolentino Mendonça, in Jornal Expresso de 18.04.2020

COVID-19 cascais.pt

TODOS OS GESTOS CONTAM

CONTRIBUA PARA A AQUISIÇÃO DE BENS ALIMENTARES E DE HIGIENE PESSOAL PARA AS FAMÍLIAS MAIS CARENCIADAS DO CONCELHO DE CASCAIS

COMPRA UM VALE NUM SUPERMERCADO PERTO DE SI
Consulte a lista de supermercados

AUCHAN E.Leclerc

CASCAIS
Tudo sempre um pouco melhor

Ao aderir a esta campanha estará também a contribuir para que o **Grupo de Solidariedade Justiça e Paz** da nossa Paróquia possa apoiar mais famílias em situação de carência. Num tempo em que todos nos devemos apoiar mutuamente, seja solidário com esta causa.

SER MAIS SOLIDÁRIO

05% IRS

CENTRO COMUNITÁRIO DE TIRES

Instituição Particular de Solidariedade Social

Seja solidário com a nossa causa.

Consigne 0,5% IRS
NIF 501 742 662

Modelo 3 | Folha de rosto
Quadro 11 | Campo 1101
www.cctires.org

AGENDA PAROQUIAL

- Caros paroquianos, com a suspensão das missas com povo, de onde sai o rendimento para as despesas paroquiais, venho recorrer à vossa generosidade. Nestes tempos de pandemia, **quem quiser fazer algum donativo**, pode realizá-lo através de transferência bancária de acordo com os seguintes dados:

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE TIRES
NIB: 0035 0584 0001 906 603 093
IBAN: PT50 0035 0584 0001 906 603 093

COMUNIDADE DE SÃO JOSÉ DE CAPARIDE
NIB: 0033 0000 2228 005 228 992
IBAN: PT50 0033 0000 2228 005 228 992

A Paróquia já recebeu o montante de 240,00€ em donativos, no período de 12 a 23 de abril. Grato a todos.